



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 10 de dezembro de 1854 – Edição 50
Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00050.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. – DOMINGO, 10 DE DEZEMBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Literatura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Minhas boas leitoras, começarei este artigo confessando que desta vez é, ou pelo menos pode parecer, impróprio o titulo que lhe damos, porque é exactamente a respeito do *salões* que quasi nada temos que dizer. Todavia aceitai o titulo para não alterar o estylo, e eu procurarei justificar-o no quanto fôr dizendo.

O dia mais notavel da semana foi o dos annos do Imperador, em redor de cujo Throno concorreu a grandeza e brilho da côrte á par do prazer de um povo inteiro que unisono entoou hymnos á Providencia por ser tão fausto motivo. Esse prazer tão sincero e unanime foi retribuído pelo Monarcha que abriu o cofre das Graças, e', consultando a Sua Sabedoria, as distribuiu entre os benemeritos da Patria. A' tarde nada houve de salão, porque quem podia entreter-se em alguma cousa não deixou de concorrer a apreciar o brilhantismo e garbo da briosa Guarda Nacional, e dos valentes Batalhões de linha que se confundem nos louros reciprocos de factos gloriosos.

A' noite affluíu a flor da sociedade fluminense para o theatro italiano, onde se acháráo Suas Magestades com a sua luzida côrte. Ahi tudo foi maravilha e novidade: ricas sedas, luzente ouro, preciosos brilhantes symbolisárão a grandeza desse dia. Finalmente uma opera de grande

aparato, um céu estrellado apresentado aos espectadores dentro da caixa de theatro, forão o complemento do quadro desse dia memoravel.

Temos a lamentar que no meio de tanto prazer, á vista de tanta gente, tivesse logar o assassinato de *Roberto*; caso este que lastimamos, não obstante ser elle o *Diabo*, mas que não podia deixar de excitar nossa compaixão, porque o misero morreu em mil torturas, mutilações, confusão e gritaria. Foi realmente um crime revestido de todas as circumstancias aggravantes, e só até então praticado pelos bravios selvagens das nossas mattas.

O deus dos theatros tenha na sua gloria o malfadado *Roberto*.

Tambem, quando tinha logar esse horrendo acontecimento, a triste e solitaria lua soffria a tremenda desfeita da companhia do gaz, que illuminou o pittoresco Passeio Publico com mais de cem lampeões que clarearão todas aquellas alamedas, e disserão á triste – que já não era mais necessaria ali. De então para cá grande e constante tem sido a concurrencia de moças e cavalheiros que se entretêm até ás 11 horas da noite na magnifica varanda do Passeio, illuminada por 36 lampeões. E muito para sentir que, á par de tudo isto, este aprazivel ponto de reunião esteja no mais completo abandono e coberto de gramma e de vegetaes silvestres em quasi toda a sua superficie.

Não duvidamos asseverar que só entre nós se consentiria que chegasse a tão lastimoso estado um logar tão agradável, e que tantos annos e despezas custou.

Agora, minhas amigas, a respeito de bailes nada vos posso dizer, senão que a *Phil-Euterpe* continua a dar as suas partidas; que o *Recreio Familiar* tambem fará uma reunião; e que a Vestal dará o seu baile na noite de 16 do corrente, onde talvez eu possa ter o prazer de encontrar alguma de vós.

Quanto ao mais, tenho algumas probabilidades para crer que mudarei o titulo deste artigo para o de *Chronica Campestre*, para que me não aconteça outra vez o que se deu nesse artigo, no qual pouco ou nada vos disse que correspondesse com o titulo que elle leva, o que me desculpareis em vista das difficuldades em que me tenho achado, e que facilmente comprehendereis para conceder vossas desculpas á vossa

Alina.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

Penteado de bandós dentados, lisos sobre a testa, elevados e fôfos, em aneis sobre os lados, de maneira que o torçal de cabellos e veludo, que lhes passa por cima, fique occulto dos lados por alguns aneis dos cabellos dos bandós. O veludo que cinge o torçal vai terminar atraz no amarrado da trança, em dous laços de pontas fluctuantes.

Véstia e roupão de tafetá riscado furta-côres, com enfeites e guarnições de veludo.

A véstia a *fio direito* é justa, afogada, aberta adiante em todo o comprimento, e de cada lado das bordas passa-lhe uma fita estreita de veludo, na qual se prendem os veludinhos que atravessão em escala de um a outro lado toda a abertura, collocados em distancias iguaes, uns dos outros, tendo cada um por enfeite uma ordem pendente de guisos de veludo.

Mangas a *fio direito*, formando um grande fôfo, não descendo mais que até o cotovello, e nessa altura guarnecidas por uma fita de veludo.

Com estas mangas vão perfeitamente uns bellos pagodes de guipure, de mosselina ou caça bordada.

Camisinha de caça em preguinhas.

Collarinho irmanando com as mangas.

Chapéu de menina, enfeitado de fôfos de filó, guarnecido de rosas e pequenos veludos.

Vestido e véstia de ganga guarnecidos de galão branco de algodão.

O corpo liso e afogado desce em basquine bem justo ás cadeiras.

Manga direita, talhada por dous lados, com sub-mangas de caça lisa.

Tres ordens de galões brancos guarnecem toda a véstia e mangas, e a saia também é guarnecida da mesma fórma.

Collarinho e calças de mosselina bordada.

PARA UMA MENINA DE SEIS ANNOS. – Cabellos em bandós, trança em auréola.

Vestido de *popeline* guarnecido de fita de tafetá escocez.

Corpinho meio decotado adiante, terminando em basquine aberto adiante e dos lados, enfeitado todo em volta de fita estreita escoceza.

Saia curta, ornada de duas guarnições de fita escoceza, uma mais larga que a outra.

Sub-mangas e pantalonas de caça bordada guarnecida de renda.

O ULTIMO AMOR.

(Continuado do n.º 49.)

IV.

A marquezeta de *** tinha mais de trinta annos. E' a idade dramatica da vida feminina. E' quando a natureza apressa, de dia para dia, o termo fatal da soberania da mulher formosa.

A marquezeta de *** era uma destas mulheres inoffensivas, cujo codigo de moral cifrava-se apenas no respeito escrupuloso das conveniencias. Viuva muito cedo, corria pelos circulos da sociedade, que não ceitára totalmente os deveres da abnegação: os maldizentes ignorantes multiplicavão caprichosamente o numero dos seus amantes, e calumniavão-na. A marquezeta, não era nem uma marquezeta da regencia, friamente estouvada e perdida de costumes, nem uma virtude austera, que, sem abdicar os prazeres do mundo, sabe conservar-se pura e intaeta de todas as seducções.

A grande arte d'uma mulher de espirito, é de empregar todas as suas faculdades no grande fim, que, na sociedade, ainda é mais apreciado



406

Jules David

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue e Richelieu, 92.

Monsieur Alexandre, Honneur de M^{me} Vilman, Directeur de l'Art.
 L'Impératrice, Coiffures de M^{me} Laurence, Elégance de la M^{me} Gagelin, Coiffures de M^{me}
 Ommatlie, Coiffures de G. Violard, Honneur de Chapron, Honneur de l'Art, Coiffures de Vague, Saboullée



En Ventes chez, Richelieu.

LONDON at the Monitor Office at 10, Street Lane. NEW YORK E. H. Dillingham & Co.

do que a virtude, ainda mais do que o heroísmo – o de moralisar a desmoralisação. A marquiza amava um homem mediocre, que a dominava: recebia, por vaidade, a corte de um homem de talento, que a apreciava devéras, e de quem ella se ria: e para em tudo seguir os caprichos da moda, aceitava graciosamente á queima-roupa as finezas sem sabormente hyperbolicas do leão do dia, do homem figurino, do Sr. L ***.

A marquiza deu immediatamente um lugar em seu camarote a Eugenia. Custou-lhe a principio a idéa de uma concorrência tão perigosa: depois resolveu lutar pela sciencia contra a ingenuidade: sendo boa de coração; capaz de sacrificios, não recuou todavia perante esta missão infernal, de fazer uma victima daquella que lhe havião dado para dirigir e aconselhar.

E’ que ha, quasi sempre nas mulheres, ainda as de mais generoso character, um sentimento superior á justiça e á consciencia – é o amor proprio. Não digo que não exista e em maior dóse, o mesmo defeito nos homens: mas estes, fortalecidos pelo estudo, ou distrahidos pelo movimento social, apresentam-no mais modificado. E’ um vicio organico quasi, uma fatalidade de constituição moral, que o mundo tende sempre a exagerar e a desenvolver. A luta das mulheres é toda no terreno do coração, no circulo estreito das relações da sociedade. Ambiciosas ou modestas, frias ou apaixonadas, não podem mudar o campo da batalha. “A sociedade corta-lhe todos os vãos, e sujeita ás vezes o exercício das mais grandiosas e nobres faculdades aos *infinitamente* pequenos, á commerage das noticias do dia. As individualidades poderosas, que, ás vezes, destacão no meio do sexo feminino, ainda fortificação mais a regra: as. Staels, as Georges Sands, são excepções, que talvez accussem o desperdicio a que a sociedade se condemna, fechando impiedosamente á actividade moral da mulher a arena dos altos interesses de organização e de governo.

Dava-se o *Othello*. N’um dos entre-actos, o Sr. L*** foi fazer a sua visita ao camarote da marquiza. A marquiza conversava assiduamente com o seu predilecto, o *prémier-attaché* da sua diplomacia amorosa. O Sr. L*** aproveitou a occasião e assentou-se ao pé de Eugenia.

Foi um momento solemne para a innocente menina. O coração palpitava-lhe como se lhe tentasse partir as abobedas do peito. Encostou languidamente a cabeça á uma das mãos, e, para não denunciar a sua peturbação, dirigiu o oculo para um dos camarotes fronteiros.

– Ama-me? Disse o *leão*, suffocando um grito de triumpho. Nesse momento a marquiza fez um ponto final no dialogo, e dirigiu-lhe a palavra:

– Como acha o *Othello*? Confesso que a primeira dama veste-se bem, tem bonitos braços, mas não passa d’ahi. O tenor, que tem uma figura que exclue toda a idéa de exaltação

moral, cantou de um modo a fazer ressuscitar essa paixão de uma existencia problematica e morta, segundo parece, com o *Othello* de Shakspeare...

– Perdoe-me, se não sou da opinião de V. Ex., respondeu o *leão*, insistindo na frase, construida habilmente para dar dous golpes ao mesmo tempo; – negar a existencia do ciume, é, por outras palavras, condemnar tambem o amor: e se eu até aqui tivesse alguma vez descrido desse sentimento, renegaria o meu scepticismo aos pés de V. Ex. E da Sra. condessa. E dirigiu ao mesmo tempo um olhar fulminante a Eugenia.

A marquezia percebeu desde logo que o cumprimento fôra sobre tudo dirigido á sua companheira, e que era mesquinha a parte que lhe tocava: quiz ensaiar um gesto de agradecimento, mas o pequeno movimento nervoso que lhe apareceu nos labios, não podéria, de boa fé, entrar na cathegoria dos seus sorrisos.

Levantou-se o pano: não podia proseguir a discussão, porque a marquezia presava-se de um *dilletanlismo* exagerado.

– Esperei de balde a resposta de V. Ex., disse L*** quasi ao ouvido de Eugenia; o seu silencio é-me mais penoso do que a sua indignação: se soubesse o que tenho soffrido nesta anciedade? ...

O tenor entrava naquelle momento no recitativo do delicioso duetto de Rossini, que começa: *Il mio cor se divide*.

– Oh! Acredite, minha senhora, continuou L *** tentando aproveitar-se daquelle acaso feliz, não tenho direito a ter aquelle sentimento que Rossini pintou tão energicamente na bella creação do seu *Othello*, mas o que soffro é mais horrivel ainda do que o ciume, é tudo o que espera o condemnado na espera solemne que prende a sua sentença!

A figura era trevial, mas teve um effeito irresistivel. Eugenia, semi-morta de amor e de vergonha, balbuciou rapidamente uma resposta:

– Amanhã á noite dá a marquezia um *soirée*: lá... lhe entregarei a sua carta! – que não li, que me não lembra de ter lido!

Havia tanta candidez, tanta innocencia naquella desculpa; sentia-se tão poderosamente uma lucta sublime naquella hesitação da paixão com o dever, que um homem de caracter elevado, não sentindo poder corresponder ao fogo virgem daquelle amor, teria a coragem de abdicar pretensões vaidosas.

Aos olhos de Deus, o impulso que levou Heloise aos braços de Abeillard, deve ser absolvido: a mulher que foi fraca, que sacrificou ao seu amor todos os melindres do seu sexo, que arrostou a opinião do mundo, que teve a coragem sublime de fazer do seu amor o pedestal á grandeza do seu sentimento, póde responder com confiança no dia do juízo: « Amei! »

Mas é por isso mesmo cem vezes infame o homem que abusa de um sentimento verdadeiro, de uma mulher agradecida, de um coração sincero e nobre – quando não sente que o merece, e que não póde, como Abellard, nobilitar a sua amante, pelo fervor do seu sacrifício, a energia do seu coração, e o seu estado na sociedade.

(Continúa.)

– 396 –

POESIA.

A' UMA AMIGA.

Já mais amei com amor,
Nem tanto, nem mesmo assim;
Eu, não sou eu, eu sou ella
E' ella que vive em mim.

Um Bahiano.

Quando vi-te a vez primeira
Tão terna, tão bonitinha,
Tão amavel, feiticeira
Isabelinha.

Quando ouvi a voz sonora
Da tua rozea boquinha
Tão tocante, tão canora,
Isabelinha.

Quando vi teus olhos bellos
Tua mão torneadinha
Teus attrativos singellos
Isabelinha.

Cuidei ver um lindo archanjo,
Cuidei ver uma santinha;

Mas eras tu, ó meu anjo,
Isabelinha.

Eras tu, ó meu condão,
Tão amavel, tão lindinha
Aquem dei meu coração
Isabelinha.

D. Francisca Luiza da Costa.

O LIRIO.

Alvo lirio delicado
Rociado
D'almo pranto matutino,
Namorava a sua imagem,
Lá da margem
De regato crystallino.

Um raio de sol, dourado,
Abrasado,
Vinha-lhe o seio libar,
E a lagrima pendente,
Transparente
De reflexos matisar.

Borboleta cor de rosa,
Caprichosa
Que adeja de flor em flor,
Vôa a elle palpitante;
Delirante,
Dá-lhe mil beijos d'amor.

Aura que livre voára,
E cantara

Embora do tempo a ira
Enlaçada em seus verdores,
Já d'amores
Em vez de cantar suspira!

Oh! como esta flor brilhava!
Deslumbrava,
Sem querer, todo o vergel;
Comparado á flor mais bella,
Era ella
Entre os anjos Uriel.

Assim bella em seu esplendor
Sente a dor
D'ousado verme a roer:
Inclina a fronte nevada
Já manchada;
Seu vegetar é soffrer!

Pura virgem, vé do lirio
O martyrio!
Foge ao verme roedor
Que destróe a flor da vida
Mais querida!
Esse verme é o amor!

Anonymo.

– 397 –

O ENGEITADO.

Pobre nasci, pobre vivo,
Triste não tenho ninguém,
Nem de pai o braço altivo,

Nem doces mimos de mãe;
Sou o mesquinho engeitado
Pelo homem despresado,
De todos abandonado
Dos miserrimos além.

A nudez, o frio, a fome,
Meu pobre berço embalarão;
Ao fraco infante sem nome
Que dores crucificarão!
Nunca uma lagrima, um pranto,
Nunca da meiguice o encanto
No infeliz que sofre tanto,
Duros mortaes derramarão.

Nunca provei as ternuras
D'um osculo maternal;
Nem imaginei doçuras
Da amisade fraternal;
Não concebe a minha mente
As ideás de – parente
– De família – de ascendente,
– De berço, ou terra natal.

Mas cresci, medrei; no mundo
Véla eterna a providencia;
O seu instinto profundo
Falla em minha consciencia.
Quem dá vida á flor do prado?
Movimento ao mar salgado?
Sustento ao pobre engeitado?
É de Deus a omnipotencia.

Que por mim passem altivos

Ricos de sua vaidade,
Esses que olhando-me esquivos
Riem da minha orfandade.
Que importa a minha pobreza!
Compensou-me a natureza,
Dando-lhe a eles – riqueza
Dando-me a mim – liberdade.

Eu sou livre; não me prendem
Laços alguns, cá na terra;
Eu sou livre; se me offendem
Ninguém meu furor encerra.
Eu sou livre como o vento,
Livre como o entendimento,
Mais livre que o pensamento,
Mais do que a coragem na guerra.

Eu sou livre; só no mundo
Póde prender-me um condão:
Só o amor póde bem fundo
Afferrar minha esmolação.
Toda a passada tristura
Da vida toda a negrura,
Torna-se então em doçura
Neste virgem coração.

Porque é livre o meu amor,
Por isso termos não tem;
Apóz vida de amargor,
Quanto não vale este bem!
Oh! eu amo e sou amado.
Que importa ser engeitado!
Sou livre e sou adorado;
Oh! não me chore ninguém.

O CÃO VOADOR.

Conto por M. Emile Girardin

(Continuado do n. 48)

Noireau conservava-se firme sobre o cão e parecia um habil picador.

A princeza vendo-os em boa disposição pronunciou a palavra magica que o cão esperava para voar. Eu não sei bem se a palavra era magica, ou se somente o cão estava ensinado a não partir sem a ouvir; não pude verificar este facto, mas isso pouco importa.

– *Nasquette! Nasquette!* Exclamou a princeza.

E no mesmo instante, prodigio incrível! O cão abriu grandes azas, que seu disformes ca-

– 398 –

bellos occultavão; seus olhos embaciados tornavão-se brilhantes como esmeraldas; seus membros se desenvolverão com graça; sua cauda se tornou á maneira de trombeta; as pernas se indireitarão; as unhas se estenderão; já não erão as unhas de um pobre cão, erão mais depressa as garras d’uma aguia.

Elle se elevou, elevou-se para as nuvens, nobre e terrivel, fazendo zunir suas grandes azas, que ferião os ares com cadencia; já não parecia um cão, era um *phenix*, um *condór*. (*)

Nada mais respeitavel que este espectaculo, nada mais importante do que vêr este animal, cheio de ardôr, pairando no espaço com arrogancia, levando sobre suas azas este rapaz, do qual a cabeça expressiva se desenhava em negro sobre o azul abraçado dos céos. O negro levava um collar de diamantes, que o sol fazia brilhar, e que parecia uma estrella; nada mais encantador, acreditai-me.

Leão estava atonito; elle examinava, admirava, estava encantado, tinha medo, não sabia mais que discorrer.

– Muito bem! lhe disse a princeza, vendo a sua surpresa: achas tu ainda que o teu cão seja disforme?

– E’ um passaro! ... exclamou Leão enfadado, e o mais formoso passaro do mundo !

– Não importa, achas-lo tu disforme?

– Oh! Não, replicou Leão; se elle fosse mais pequeno, como se poderia montar?

– Ah! ah! disse a fada; tu bem vês, que eu tinha razão; eu aposto que tu nunca mais o acharás disforme.

– Ao contrario, nunca vi cousa tão admiravel. Não é um cão, é um prodigio.

CAPITULO V.

Audacia.

Leão, seguindo com os olhos o cão voador, esperava com impaciencia que elle tornasse a descer para ensaiar por sua vez um passeio aerio.

O negro parecia tão acostumado a este genero de viagem, que Leão não imaginava que elle tivesse o menor perigo em se elevar.

Elle se tornou satisfeito, logo que viu o cão diminuir seu vôo, e aproximar-se sensivelmente.

– Se o cão não estiver fatigado, disse Leão á boa da fada, desta vez podia ensaiar-me: não lhe parece, madame?

– Sim, meu rapaz, replicou a princeza; mas para isso é preciso que tu aprendas a conduzir-o: elle não se eleva, nem desce, senão pronunciando as duas palavras magicas, que, por si sós, tem o poder de o dirigir. Para elle voar, basta dizer-lhe duas vezes:

– *Nasquette! Nasquette!*

Mas para que elle torne a descer, é preciso dizer-lhe ao menos tres vezes:

– *Aldaboro! Aldaboro! Aldaboro!*

Senão arriscar-te-has a ficar no ar toda a tua vida, o que não seria muito agradável.

Leão repetia continuadamente as duas palavras magicas; a primeira, que era a de *Nasquette*, lhe pareceu mais facil de conservar na memoria; porém a segunda custou-lhe muito para lhe succeder o mesmo; e foi-lhe necessario ouvil-a repetir muitas vezes para conseguir unicamente pronunciar-a. Durante este estudo o negro e o cão voador tinham acabado de descer.

Apenas o cão voador tocou a campina; que Leão correu para elle, poz-se a acariciar-o, a dizer-lhe toda a sorte de galanterias, aquellas que se podem dirigir a um cão e a um passaro. Quiz tambem que elle fizesse exercicio, como os outros cães vulgares; mas o cão voador não se prestou a este divertimento trivial dos cães de sapateiros e outros, e Leão foi queixar-se á fada desta resistencia.

– Ingrato! disse a princeza com tristeza, eu dou-te uma raridade, e tu queres tosnal-a vulgar! Merecerias que eu desse o teu cão a uma outra pessoa, que fosse mais digna do que tu.

Leão reconheceu que tinha sido injusto. Depois de ter deixado ao cão voador o tempo para bem descansar, poz-se a cavallo sobre o costado, e pronunciou valorosamente a palavra magica:

– *Nasquette! Nasquette!*

E o docil cão voou.

(*) Ave muito grande do Perú.

CAPITULO VI.

O esquecimento é um perigo.

Ficou a princeza admirada da ousadia de Leão e da bella firmeza que tinha sobre a sua cavalgadura. Elle se elevou a uma altura espantosa, e nenhuma impressão de terror se descobria em seu aspecto.

Durante este tempo a fada se entregava ás suas reflexões.

– Os mancebos amão o perigo, pensava ella; sim, quando elle se lhe apresenta como um prazer, fazem disto um dever, e vós os vereis lamentar quando se vêem obrigados a fugir destas occasiões. Se eu tivesse dito: Leão, montai-vos sobre o costado deste cão que vos elevará a mais de mil pés ao ar, teria clamado, ter-me-ia chamado cruel, e accusado de querer a sua morte.

Leão, n’uma altura extraordinaria, não descobria já a terra senão vagamente; Pariz lhe parecia um pequeno montão de pedras, e o cume do zimborio dos invalidos uma agulha ingleza com o fundo de ouro.

A’ medida que se elevava o ar se tornava mais frio; e como não ia vestido para semelhante fim, tratou logo de descer. Quiz pronunciar a palavra magica, que tantas vezes tinha estudado antes de partir, mas enganou-se; e confundindo a palavra da partida com a da vinda, exclamou duas vezes, como acreditando dever fazel-o:

– *Nasquette! Nasquette!*

O cão, longe de descer, tornou a tomar um novo vôo, e se elevou muito mais.

Leão reconheceu o seu engano, e dispoz-se a

pronunciar a segunda palavra; porém elle a tinha quasi esquecido, pronunciava-a mal, e o cão não obedecia desta maneira.

Com effeito, a palavra magica era difficil de conservar na memoria, por um rapaz, sobre tudo, que não era filho de magico.

Em lugar de *aldaboro*, Leão dizia: *haie done! bourreau*, ou pouco mais ou menos, *adada-bourreau*, *ah! beau bourreau*, *attauporo*, e outras tolices semelhantes, que não erão magicas por modo nenhum. Do mesmo modo o cão não tratava senão do seu commodo, passeava no ar, sem cuidar em descer.

Leão começou a assustar-se:

– Deverei pois ficar assim toda a vida? Perguntava elle a si mesmo; minha mãi estará inquieta de me não tornar a vêr voltar... E depois, eu não posso viver no ar sempre sem comer. E não ha mesmo meio de gritar por soccorro: pessoa alguma me ouvirá. Ah! meu Deos! O que é que eu acabo de fazer?

E’ certo que elle não podia contar com os passageiros, a fim de alcançar algum soccorro; os viajantes são raros naquelle paiz; talvez o motivo seja o não haverem estalagens. O pobre moço começou a desencantar-se do seu formoso cão; elle descobriu que uma maravilha é um tormento, quando se não sabe servir della.

Logo principiou a chorar, como fazem todos os rapazes que têm medo; depois reflectiu que as suas lagrimas erão inuteis, pois que não existia ali pessoa alguma a quem ellas podessem enternecer; e tornando a tomar a sua coragem, disse, que em lugar de perder o seu tempo a lamentar-se, seria melhor pôr em ordem todas as suas idéas para se recordar da palavra magica que devia reconduzil-o a terra, e tiral-o de todo o perigo. Então estabeleceu na sua pequena cabeça um trabalho de memoria, digno d’um cerebro de sabio, de mathematico.

– Eu sabia, haverá duas horas, esta palavra fatal, pensava Leão, quando ella me era inutil, e agora que a minha vida depende della, não a posso recordar! Ah! seria grande desgraça! vamos, vamos, indaguemos bem.

– Allabro! allabrero! almabaro! altabro!

– Ah! eu approximo-me alguma cousa.

Leão fallou altamente desta sorte durante um quarto de hora; se, por acaso, alguém tivesse passado por ali ficaria sorprendido de ouvir este bom rapaz, que fallava só desta maneira no ar.

A’ força de procurar na memoria, encontrou a final a palavra magica.

– *Aldaboro!* exclamou elle com o coração cheio de alegria, e ao mesmo tempo de orgulho; porque se tornou orgulhoso em se ter salvado do perigo por si mesmo. Uma voz que lhe tivesse suggerido a palavra salvadora, tirando-lhe o merito d’elle, por si só se recordar della, o teria contrariado.

(Continúa.)

A FAMÍLIA.
PELA CONDESSA DE BRADI.

FAMILIA, reunião de individuos formada pelos laços do sangue. A palavra familia lembra tudo o que commove o coração do homem e da mulher: amor, dedicação, respeito, reconhecimento. O amor que une o pai e a mãe augmenta ainda mais quando os filhos se tornão objectos d'elle, e converte-se em dedicação que excita o reconhecimento e o respeito destes. Ha poucos corações que não se commovão a ouvirem os nomes de esposo, de pai, de filho, de irmão; esta magnifica variedade de affeições que nasce da familia, modelo da sociedade, que sem ella não existiria. A familia não se mostra em sua perfeição senão quando a união do homem e da mulher é indissolúvel, e cada um reserva para o outro exclusivamente a especie de sentimento que o levou a preferir-o e escolhê-lo. Não ha familia nos paizes em que a polygamia está em uso: as mulheres ciosas transmittem a seus filhos a aversão que sentem para com suas rivaes, e nos filhos de seu pai, cada menino não vê senão os filhos da inimiza de sua mãe. Se não forão os filhos de Agar e de Lia que perturbão o repouso das tendas de Abrahão e de Jacob, a FAMILIA no tempo destes patriarchas se offerceria a nossos olhos em uma plenitude de magestade e de graças que deixa muito atraz de si todos os encantos da nossa existencia moderna.

He do pai e da mãe que nasce a familia; delles derivão tambem suas virtudes e sua felicidade. Seus exemplos, seus preceitos produzirão a affeição; sua autoridade a manterá. O pai trabalhará para satisfazer as necessidades da familia, quer elle administre os bens herdados de seus avós, quer os adquira por si mesmo: os filhos compartilharão seus trabalhos. A mãe, encerrada em sua casa, amamentará os filhos, instruirá as filhas, occupar-se-ha da administração interior: assim uma parte da familia trocará sua força physica e moral com os cuidados ternos, assíduos, pacíficos da outra parte. Todos necessarios, indispensaveis ao bem commum, elles comporão este todo completo que constitue a familia.

Esta é a ordem da natureza, aperfeiçoada pela religião revelada..... Os laços do sangue se apertão ainda mais pela vida de FAMILIA, sua força augmenta, e a sociedade lucra com a felicidade de que esta vida é a fonte, e da qual o egoismo não poderá ser jámais o principio. O individuo inutil á FAMILIA, o que será sempre á patria. A FAMILIA é o resumo da nação, e os mais sabios legisladores se tem esforçado em reproduzir em

seus codigos as leis que a fazem prosperar, leis que se reduzem a uma palavra: união. A felicidade, o poder e a gloria da FAMILIA estão compreendidos nesta palavra.

Desgraçado daquelle que não cumpre os deveres que a FAMILIA impõe! desgraçado daquelle cuja alma é inaccessible ás affeições que seus laços provocão! ferido pelo dardo com que ferio, debalde se isola; a sorte o tem feito solidario em sua honra, em sua fortuna, em sua carne, em seus ossos, com sua FAMILIA; ou suas miserias ou suas affrontas, o alcançarão sempre. Será pois desta necessidade de união que nasce a violencia dos odios entre aquelles que a natureza destinava a amarem-se? O odio de FAMILIA parece chamar em seu apoio todas as paixões humanas, e as hordas vindas das extremidades da terra para se combaterem, mostram menos encarnecimento em destruir-se do que os filhos concebidos no mesmo ventre..... As sociedades modernas, por differentes instituições, por costumes provenientes da mistura dos povos, pela extensão do commercio, pelo gosto do prazer que succede á satisfação das necessidades, tem enfraquecido o espirito de FAMILIA; ellas tem querido reunir em um largo circulo estes anneis que formavão uma cadeia sem deixar de ter um centro particular. E' duvidoso que o bem publico seja augmentado por isso; mas é certo que o bem individual diminue.

Não só os prazeres da FAMILIA erão puros, mas ainda são faceis e prolongados, e todas as épocas da vida erão chamadas a tomar nelles parte; porque na FAMILIA o ridiculo não ataca nem os cabellos brancos, nem as rugas do velho: a pueril e ruidosa alegria do menino não é importuna; os encantos da mocidade excitão o interesse e não a inveja. Quem é que ri dos annos de seu avô? Quem se enfada dos brincos de seu filho? Quem não se felicita da belleza de sua filha? E os males do corpo, os da alma que a sociedade reduz ao silencio, onde se adoçarão pela queixa, onde serão escutados, alliviados, senão no seio da familia? A sabedoria, que nos faz amar a virtude e procurar nosso proprio bem nos ensinará sempre, ajudada pela experiencia, que da felicidade de nossa FAMILIA nasce nossa mais segura e mais solida felicidade.

ANECDOTA

O PADRE DE BOA VIDA.

Chegou uma devota senhora á portaria de certo convento, e deú tres mil réis a um leigo, pedindo-lhe encarecidamente lh'os mandasse dizer de missas pela alma de seu marido, por um religioso de boa vida. Respondeu-lhe o leigo, que podia ir descansada, porque elle o faria assim.

Subiu logo á cella de um frade já ancião, gordo e córado, e lhe entregou os tres mil réis ‘dizendo-lhe que uma senhora lh’os trouxera para que lh’os dissesse de missas pela alma de seu marido. Ficou o frade admirado, porque não tinha conhecimento algum na côrte donde lhe viesse aquella esmola, e disse ao leigo: Irmão, essa senhora perguntou pelo meu nome? – Não, padre, respondeu elle; mas eu pouco mais ou menos achei que só vossa paternidade podia dizer estas missas. – E isso por que? – Porque ella me recommendou muito que as dissesse um frade de boa vida; e aqui neste convento ninguem a leva melhor que vossa paternidade.

Um *devotissimo* adorador de Bacho e por consequencia intimo amigo do cumo das uvas, cahiu gravemente doente de uma inflamação nos olhos: forão chamados differentes facultativos, os quaes reunidos em junta, ducidirão – que o enfermo perderia de todo a vista, se continuasse a embriagar-se. Ouvindo isto o doente, exclamou: Isso, senhores, é falso, falsissimo; porque quando eu venho das adegas, é quando vejo melhor, vejo os objectos dobrados.

CHARADAS.

Feliz de quem me pratica 1
Busca-me entre accusativos 1
Se tal fiz, foi por que olhei 1
Pelas campinas e bosques
Vôa daqui para ali
Uma cousa que eu cá sei.

B. J. B.

Após um tiro do caçador
Sou da noticia o conductor 1
Sendo na linha formado
Sou na costura empregado 1

Certo poeta escrevia
Sendo delle accommettido
De prompto a penna abandona
E fica de tudo esquecido.

A charada do n.º 49 é: Caçador.

Acompanha este n.º 50 uma estampa com figurinos de meninos a passeio e de senhora
estar em casa.

TYP. Do *Jornal das Senhoras*, Rua do Cano n. 165